

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



RAÇA, CLASSE E GÊNERO: análise acerca da “inserção” da mulher negra no mercado de trabalho no Brasil

Keylla Myllena Lima dos Anjos¹

Wemerson Jamison Santos da Silva²

RESUMO

O estudo tem como objetivo analisar a relação entre raça, classe e gênero, com recorte no mercado de trabalho através de uma análise acerca da “inserção” da mulher negra, e, também, a articulação da formação socio-histórica brasileira a partir do processo de colonização. Desta forma, destaca-se a hierarquização social, as lutas de classes e suas reproduções no mercado de trabalho contemporâneo. É necessário, a compreensão do modo de produção capitalista, bem como a correlação da exploração e da força de trabalho, base estruturadora do racismo e das negações de direitos à população negra, sobretudo às mulheres. A pesquisa utilizou uma abordagem de tradição marxista, adota-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, documental em livros, artigos e documentos que trabalham a temática.

Palavras-chave: Raça. Classe. Gênero. Mulher Negra. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

The study aims to analyze the relationship between race, class and gender, with a focus on the labor market through an analysis of the "insertion" of black women, and also the articulation of Brazilian socio-historical formation from the process of colonization. In this way, social hierarchization, class struggles and their reproductions in the contemporary labor market stand out. It is necessary to understand the capitalist mode of production, as well as the dynamics of exploitation and the workforce, the structuring basis of racism and denial of rights to the black population, especially women. The research used a traditional Marxist approach, adopting bibliographic and documental research in books, articles and documents that deal with the theme as a methodology.

Keywords: Race. Class. Gender. Black woman. Job market.

¹ Assistente social. Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: k.lima95@hotmail.com

² Assistente social. Mestrando em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Direitos Humanos pela Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS). E-mail: wemerson.wjss@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero e raça estão intrinsecamente ligadas a raízes estruturantes na sociedade brasileira, as heranças colonialísticas se perpetuam e dão seguimento aos fatores e permanência na reprodução que geram a exclusão social. As desigualdades socioeconômicas acarretaram uma série de problemáticas sociais no Brasil no pós-cenário de trabalho forçado, de modo que essa materialização da desigualdade está alicerçada na ausência de uma reparação histórica que atendesse essa população acometida pelas violações sofridas.

Esses processos, socialmente construídos, determinaram o lugar do negro (a) na sociedade, colocando-o no intenso sistema de violência, discriminação e desigualdade, exatos 132 anos pós “abolição da escravatura”, essa dinâmica se sustenta na contemporaneidade, visto que a condição da população negra como mão de obra no mercado de trabalho continua subalternizadas se comparados a população branca.

No entanto, foram utilizadas estratégias de sobrevivências para escapar das adversidades impostas, cujo suas raízes históricas são estruturadas pelos contrastes raciais e sociais. Sob estes aspectos, o processo organizativo e o protagonismo do movimento negro foram de extrema importância na luta pela institucionalização das políticas públicas; na tentativa de reparação dessas desigualdades engendradas.

2 ASPECTOS SOCIO-HISTÓRICOS E CONCEITUAIS ACERCA DA DESIGUALDADE DE GÊNERO

Ao se abordar os aspectos socio-históricos e conceituais acerca da desigualdade de gênero e as nuances das expressões da questão social, é preciso enfatizar como essas relações preestabelecidas foram socialmente construídas, assim como os conceitos. Convém, necessariamente, compreender a respeito da

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

hierarquização de gênero para, então, atribuir-se definições no que tange às desigualdades a elas inerentes.

É importante apontar as relações implicadas no que tange às categorias gênero e patriarcado, assim como o caráter de dominação alicerçado e construído no âmbito da sociedade. Scott (1995) aduz que a categoria gênero passou a assumir diversos conceitos, têm-se certas substituições como, por exemplo, sexo por gênero e gênero por mulher. Essa concepção de gênero, relacionada à mulher, nos mostra como essas relações se estruturaram dentro da sociedade.

Nesse contexto, Saffioti (2004) entende o patriarcado como um sistema relacionado à sociedade capitalista, onde o macho tem o poder absoluto sobre a fêmea, portanto, a figura feminina sempre apta para servir o macho. A autora evidencia essas relações de desigualdade e ressalta: “o gênero é aqui entendido como muito mais vasto que o patriarcado, à medida que neste as relações são hierarquizadas entre seres socialmente desiguais, enquanto o gênero compreende também relações igualitárias” (SAFFIOTI, 2004, p. 118 – 119).

Saffioti (2004) interpreta gênero como uma construção social entre o feminino e o masculino. A formação dessas relações atribui-se à socialização dentro de uma ordem patriarcal de gênero, que submete qualidades positivas aos homens e negativas às mulheres, visto que poucas mulheres questionam sua inferioridade social. Dessa forma, as mulheres acabam reproduzindo o machismo que é naturalizado.

Nesse contexto, com a reflexão das autoras, o gênero é uma construção social, sobretudo cultural, o qual está relacionado para além da questão biológica ou de sexo, se fundamenta no sistema patriarcal³, machista, sexista e capitalista e se estabelece

³ “[...] ‘o patriarcado é literalmente a autoridade do pai’. Assim, designa uma formação social em que os homens detêm o poder ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. É assim o sinônimo de ‘dominação masculina’ ou opressão das mulheres” (Delphy 2009, p.174, *apud* Cisne e Santos, p.43).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

na dominação-exploração da mulher, cometida pelo homem. O sexismo⁴ não é apenas uma ideologia, é também uma estrutura de poder que é desigual.

Diante dos argumentos de Scott (1995) e Safiotti (2004), é correto afirmar que o gênero é uma estruturação social e cultural, atrelado às questões biológicas, e está fundamentado no sistema capitalista, sobretudo patriarcal de subordinação, implicado na dominação masculina, algo construído na sociedade de forma que as mulheres estejam no patamar de submissão aos homens. Cisne (2015) esclarece sobre os estudos de gênero e o seu surgimento, vinculados às influências feministas acadêmicas, logo no final do século XX; em contrapartida, aponta acerca do objetivo e da necessidade de se desnaturalizar e historicizar essas desigualdades, entre homens e mulheres, em uma construção social caracterizada pelas relações sociais.

O conceito de gênero veio também no sentido de analisar de maneira relacional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam apenas limitar-se à categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem. Portanto, gênero se constitui como uma categoria relacional (CISNE, 2015, p. 86).

No entanto, a categoria gênero desenvolve-se nas últimas décadas através de bases científicas de feministas, que visavam compreender as nuances das desigualdades estabelecidas entre os sexos, e como essa dinâmica societária se engendrava e se solidificava nas estruturas de hierarquias, dominações, privilégios de um grupo social em detrimento de outro. De tal modo, as discussões da questão de gênero desvinculam-se da esfera biologizante, e ganham evidência no que se refere ao âmbito acadêmico com debates acerca da construção social, histórico, cultural, simbólico.

Diante do exposto, observa-se que o termo gênero é utilizado para compreender as relações sociais, e como tais relações de poder, exploração, dominação se instituíram na ordem patriarcal na sociedade de classes, imposta e reproduzida por categorias oprimidas naturalizadas na ideologia do dominador e perpetuadas por gerações, ao reafirmar o papel do homem como o ser superior.

⁴ O termo sexismo não é somente uma ideologia, é também uma estrutura de poder, bem como uma distribuição desigual, em detrimento das mulheres (SAFFIOTTI, 2004).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



3 ESCRAVIDÃO E AS TAREFAS EXERCIDAS PELA MULHER NEGRA

É fundamental reconstruir os processos da escravidão para poder compreender as desigualdades e os resquícios que o sistema escravocrata ocasionou à população negra. Com a invasão dos colonizadores europeus no território brasileiro, em 1500, ocorreu um apoderamento das terras onde já havia dezenas de tribos indígenas, mais necessariamente 1 milhão de índios, distribuídos em dezenas de grupos tribais (RIBEIRO, 1995). Em consequência disto, aconteceu também as importações, isto é, o tráfico⁵ de africanos, nos navios negreiros, em condições sub-humanas como mera mercadoria para serem escravizados.

Tais elementos são relevantes para a compreensão das relações sociais, no período colonial, em uma visão de mundo eurocêntrica, ao se caracterizar determinado grupo como não humano ou sub-humano, em um segmento de escravização, exploração e genocídio; assim como os índios, “de um lado, a exploração da mão de obra, de outro, e a segregação em nome de sua preservação cultural” (SILVA, 2014, p. 47).

É importante destacar que não foram somente os negros africanos que atravessaram o atlântico em navios negreiros para serem escravizados, as negras africanas, também, foram forçadas a se submeter à mão de obra escrava pelo sistema *plantation*⁶; com a exploração da força de trabalho, o sistema só se consolidava. Esse processo acarretou uma série de conflitos relacionados ao homem branco colonizador, bem como a população escravizada, visto que aqueles que não obedeciam às regras estabelecidas, ou que resistiam a elas, sofriam as punições com castigos severos.

⁵ Alguns fatos que ocorreram entre os períodos da pré-abolição e da pós-abolição como a “extinção” da escravidão do negro no Brasil. A influência da Inglaterra culminou com a criação, em 4 de setembro de 1850, da Lei Euzébio de Queiroz que proibia o tráfico de escravos no Brasil, momento este em que se expandia a revolta da população escravizada.

⁶ “foi um verdadeiro genocídio para o povo brasileiro” (STEDILE, 2011, p. 26), pois exigia muito mais da mão de obra escrava e uma quantidade maior de trabalhadores necessitava, a partir disso, de mais africanos trazidos, compulsoriamente, nos navios negreiros em condições desumanas.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Em decorrência disso, na história da formação brasileira, nota-se que as desigualdades sociais e raciais se acentuaram em relação à condição feminina. No período escravista, as mulheres negras eram submetidas à exploração de trabalho, assim como seus corpos eram instrumentos de mera satisfação do colonizador, ou seja, elas sofriam abusos e exploração sexual. As expressões “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar,” como assinala Gonzalez (2011, p.19), manifestam a exploração sustentada pela inferioridade e pela desigualdade racial. Tais expressões são incumbências e estigmas atribuídos à mulher negra, assim como as tarefas domésticas, limpar a casa, cuidar dos filhos da sinhá e os seus (quando estes não eram retirados dela, assim sendo reprodutoras de novos escravos) atendendo aos caprichos sexuais do senhor, além de não estarem safas dos castigos das senzalas⁷.

Ribeiro (2018) faz uma ressalva ao tratar aquele período, “mulheres negras são hipersexualizadas e tratadas como objetos sexuais. E a relação entre colonização e cultura do estupro é direta: no período colonial, as mulheres negras eram estupradas e violentadas sistematicamente” (RIBEIRO, 2018, p.120). A autora reforça como as mulheres negras eram tratadas e submetidas aos diversos tipos de violência sistematicamente nessa relação entre a colonização e a cultura do estupro. De acordo com a autora Giacomini (1998 *apud* PACHECO), a lógica patriarcal do período escravista explorou as mulheres escravizadas, como amas de leite, cozinheiras, arrumadeiras e mucamas dos filhos dos senhores da Casa Grande, mas se apoderou do seu corpo como objeto nas “investidas sexuais dos senhores” (PACHECO, 2008, p.60).

Davis (2016) destaca que a postura dos senhores, em relação às escravas, era parte de uma conveniência, já que, quando era lucrativo, as exploravam como se fossem homens, sem distinção de gênero, mas quando eram exploradas, castigadas e reprimidas, de modo oportuno, eram reduzidas à condição de fêmea.

⁷ “Senzala: habitação dos escravos do eito de um modo geral. Era um conjunto habitacional, afastado quase sempre da casa-grande, de construção rústica, sem nenhum conforto, construída de taipa, coberta de palha e de outro material equivalente” (MOURA, 2004, p. 375).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Com isso, pode-se destacar que as mulheres negras eram vítimas de exploração dentro das senzalas, mas também na casa grande; contudo, resistiram, de forma organizada e coletiva, como estratégia de sobrevivência das violações que sofriam com o sistema imposto, como o aborto, pois, ao saber do triste fim de seus filhos, abortavam antes mesmo de serem descobertas; outro fator importantíssimo, nesse processo, foram os quilombos, fundamentais na luta contra o sistema escravista.

4 MULHER NEGRA E TRABALHO LIVRE: “inserção” e desafios no mercado de trabalho no Brasil contemporâneo

As consequências dos anos de escravidão, com a exploração, a opressão, não acabaram com a chamada “Lei áurea”, visto que o “trabalho livre” desencadeou uma série de dificuldades para a população negra “livre”, a fim de vender sua força de trabalho, porém passou a ser marca de inferioridade, segregação, sem qualificação, empregos subalternos e sem acesso a moradias dignas, “assim tiveram início as favelas” (STEDILE, 2011, p. 24), ao passar a habitar os morros⁸. Nesse contexto, a população negra foi obrigada a viver em péssimas condições de miséria e expressão da questão social, bem como com o analfabetismo, a marginalidade, a vulnerabilidade, dentre outras situações repelidas no sistema excludente da sociedade.

As condições de anomia em que vivia a população negra durante a escravidão não permitiram ao homem negro exercer sobre a mulher negra a opressão “paternalisticamente protetora” a que estavam submetidas as mulheres brancas. Igualmente, as relações estabelecidas entre homem branco e mulheres negras evidentemente estavam longe de reproduzir as formas de opressão características das relações de gênero entre brancos (CARNEIRO, SANTOS, 1985, p. 42).

Acerca das reflexões das autoras, a família negra brasileira luta pela inserção na sociedade capitalista, sociedade esta que a libertou dos chicotes, castigos, açoites,

⁸ Lugar onde a população negra construiu suas moradias; no início, passaram a ser chamadas de favelas, hoje são conhecidas como comunidade.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

entretanto a batalha constante da população negra não cessou; nesse sentido, os negros adquiriram novas formas de luta para ter acesso aos direitos, lutas por igualdade racial e a redefinição do seu lugar e da sua identidade dentro da sociedade brasileira. Dessa maneira, “a moderna sociedade burguesa, saída do declínio da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe” (MARX e ENGELS, 2015, p. 62). A herança da escravidão, deixada para a população negra, trouxe resquícios, como: trabalhos inferiorizados, não acesso à educação de qualidade e, sistematicamente, posições subalternas dentro de um ambiente racista como um método de dominação de uma raça em detrimento de outra.

Dessa forma, é necessário contextualizar como as relações raciais influenciaram na marginalização, na precarização, nas subalternidades da população negra, em especial da mulher negra no âmbito do “trabalho livre”, e como essas relações são expressas no cotidiano desses indivíduos de forma excludente.

O modo de produção capitalista age compulsoriamente e as suas manifestações contribuem para a geração de pobreza absoluta, dessa maneira o “capitalismo é capaz de transmutar-se e manter sua essência predatória. Os processos históricos agregam-lhe características que marcam eras” (SILVA, 2019, p. 9). Essas estratégias se expressam em acumulação de riqueza produzida nas mãos de uma minoria, visto que possibilitam uma relação extrema na produção simultânea de pobreza que gera desigualdade social.

O capitalismo no plano mundial, nas últimas quatro décadas, transformou-se sob a égide da acumulação flexível, trazendo uma ruptura com o padrão fordista e gerando um modo de trabalho e de vida pautados na flexibilização e na precarização do trabalho (ANTUNES, 2018, p. 153).

Desta forma, Antunes (2018) destaca como o capital financeiro passou a estabelecer práticas e os modos de gestão de trabalho, e como o Estado passou a atuar e desempenhar o papel de “gestor de negócios da burguesia financeira”, e como esses processos engendram as desigualdades sociais, visto que a hegemonia da “lógica financeira”, para além de sua amplitude econômica, atinge todos os âmbitos da vida social da classe trabalhadora, “o capital tem o poder de descobrir novos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

continentes para exploração que estavam anteriormente velados sob a crosta de sua própria ineficiência relativa e de seu subdesenvolvimento (MÉSZÁROS, 2015, p.156).

Faz-se necessário abordar sobre a categoria trabalho, sobretudo os apontamentos teóricos em Marx, para fundamentar a teoria valor-trabalho, serão utilizados, principalmente ao descrever as particularidades fundantes do trabalho na ordem capitalista; tais condições se constituem e estão relacionadas à reprodução social, assim como os indivíduos inseridos nesse sistema. O trabalho está na base de todas as sociedades, ao transformar a natureza e as relações homem-natureza de acordo com as necessidades humanas. “Por meio do trabalho, os homens não apenas constroem materialmente a sociedade, mas também lançam as bases para que se construam como indivíduos” (LESSA, TONET, 2011, p. 17).

O contato do homem com a natureza faz com que ele a modifique para satisfazer as suas necessidades. Por causa dessa transformação, se reconhece como um ser capaz de conhecer seus limites e planejá-los, nesse processo, para a obtenção de um resultado na mudança da realidade; portanto, essas atividades se distinguem das atividades de outros animais, o que demonstra ser para além do meio biológico.

O trabalho se constitui nos aspectos entre o trabalho concreto⁹ (valor de uso) e o trabalho abstrato¹⁰ (valor de troca). As relações mercantis e sociais se estabelecem no capitalismo, ao adquirir uma forma específica do trabalho e criar valor. Nesse sentido não se trata apenas da qualidade de determinado trabalho, mas sim da quantidade do gasto da força de trabalho; dessa maneira, o capitalismo tem a finalidade de acumulação do capital, isto é, a produção e a reprodução deste, sendo assim se consolida na transformação da força de trabalho em mercadoria.

Netto e Braz (2012) destacam que o capitalista, ao contratar o trabalhador para uma jornada de oito horas, paga-lhe, mediante o salário, o valor de sua força de

⁹ “O trabalho que cria valor de uso é o *trabalho concreto* (trabalho útil) [...] a criação de valores de uso é uma condição necessária à existência de qualquer sociedade, isso significa que *toda sociedade exigirá trabalho concreto de seus membros*” (NETTO e BRAZ, 2012, p. 118).

¹⁰ “[...] o fato de serem *trabalho em geral*; quando o trabalho concreto é reduzido à condição de trabalho em geral, tem-se o trabalho abstrato” (NETTO e BRAZ, 2012, p. 118).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

trabalho, isto é, referente ao valor da soma dos valores necessários que vem da produção/reprodução do trabalhador; mas, durante a jornada, essa determinada força de trabalho produz mais valor que o valor obtido para a reprodução. Isso refere-se ao valor excedente (a mais-valia), em que o capitalista se apropria sem ter despesas ou custos, ao produzir uma acumulação do capital sustentada na apropriação da mais-valia, gerada através desse trabalho excedente; nesse ambiente, “a falsa noção de que o salário remunera todo o seu trabalho é reforçada (para além da ideologia patrocinada pelo capitalista, segundo a qual “o salário é o pagamento do trabalho”)” (NETO e BRAZ, 2012, p. 120).

É importante destacar as configurações no que tange à sociedade capitalista, como a alienação no processo de exploração sendo uma consequência, em que o ser social passa a ser explorado; essa alienação surge do “nascimento da propriedade privada e da divisão social do trabalho, quando o trabalho se converte em meio de exploração e o seu produto em objeto alheio” (BARROCO, 2008, p.38). A autora fundamenta suas análises, com base em Marx, ao enfatizar que, na sociedade capitalista, essa alienação é interligada não só aos processos de exploração, mas também à dominação do ser social e à fetichização no que diz respeito às necessidades humanas básicas, isto é, o indivíduo não se percebe como um ser explorado e passa assim a mercantilizar sua força de trabalho.

Nesse sentido, o modo de produção capitalista opera, transforma toda a sociedade em um verdadeiro mercado, bem como se tem o agravamento das desigualdades sociais, o pauperismo, a miséria e a classe trabalhadora em situações de pobreza. A questão social é resultante das contradições entre capital X trabalho, e deixa expressões latentes, como: o pauperismo e a pobreza. É importante analisar que “a questão social condensa o conjunto das desigualdades e lutas sociais, produzidas e reproduzidas no movimento contraditório das relações sociais, alcançando plenitude de suas expressões e matizes em tempo de capital fetiche.” (IAMAMOTO, 2014, p. 156).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

De acordo com as configurações resultantes da questão social, é importante se fazer notar que esses determinantes influenciam a vida dos indivíduos sociais, visto que são frutos de uma construção histórica da ação dos sujeitos. Com isso, são expressas lutas políticas e culturais na disputa entre projetos societários, sendo eles de diferentes interesses de classes no que diz respeito às políticas econômicas e sociais. Em síntese, esse processo culmina no aumento do pauperismo, pois gera uma acumulação de miséria, referente à acumulação do capital, com a produção e a reprodução para se estruturar elementos dentro da sociedade capitalista (IAMAMOTO, 2014). É perceptível como essas estratégias se expressam e como essa acumulação de riqueza, produzida nas mãos de uma minoria, possibilita uma relação extrema na produção simultânea de pobreza que gera desigualdade social.

CONCLUSÃO

A partir do presente estudo, demarcaram-se a análise da questão de gênero, articulada às mulheres negras, no processo das relações sociais, bem como o peso da formação cultural do Brasil, os mecanismos que foram e continuam sendo marcados por opressão e a exploração, ao definir destinos pessoais e profissionais dessas mulheres no mercado de trabalho como assédio moral, sexual incumbidas nas relações de poder, bem como o modo de produção capitalista atua compulsoriamente e como as suas manifestações contribuem para a geração de pobreza absoluta. A escravidão, o racismo e a exploração de gênero geraram elementos que se configuram, atualmente, como desigualdade racial e social, definidos no processo de colonização do Brasil, onde as opressões estabeleceram relações de inferioridade dos negros se comparados aos brancos.

Dessa forma, as mulheres negras, no período pós-abolição, seguem vitimadas na política de Estado, como o branqueamento da população, além das expressões da questão social, as quais estão inseridas as discriminações raciais que se perpetuaram. As mulheres vivem cotidianamente explorações advindas do sistema patriarcal/capitalista, sendo inferiorizadas, tendo seus corpos estigmatizados e

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



hiperssexualizados ou ocupando os espaços de trabalhos domésticos oriundos de heranças do período escravocrata que contribuíram para que as mulheres negras estejam em postos de trabalho precarizados, marginalizados e subalternizados.

Assim, o Estado tem uma grande responsabilidade quanto à omissão e à perpetuação das desigualdades raciais; reconhecer a existência dessas desigualdades, que se estruturam à medida que expressam níveis diferentes na nossa sociedade, é dever do Estado, para o enfrentamento. É de grande relevância ressaltar, também, a implementação de políticas públicas na busca de equalizar o acesso aos benefícios para as mulheres negras, como mecanismo efetivos e a superação do racismo, pois o sistema capitalista possibilita relações desiguais na produção simultânea de pobreza. Com as análises referentes ao tema e aos embates teóricos, utilizados como importantes ferramentas de articulação nas relações de raça, classe e gênero, de modo que a colaboração dos/as autores foi relevante, busca-se a contribuição, nas reflexões sobre o passado, e os desafios do presente das mulheres negras na sociedade capitalista e racista-patriarcal.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **OS SENTIDOS DO TRABALHO**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo. Ed. Boitempo Editorial, 2009.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher Negra**. São Paulo, SP. Nobel, 1985.

CISNE, Mirla. SANTOS, Silvana Matos Morais dos. **Feminismo, Diversidade Sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro latino-americano. In: **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**. Nº 1. Brasil, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. –8 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular: 2011.

MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. **A Escravidão no Brasil – Vol. I**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, eBooksBrasil, 1866. 328 p.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 3ed. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MÉSZÁROS, István. **A Montanha que devemos conquistar**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** – 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar”:** escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas, SP: [s/n], 2008. 317p.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro.** A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. São Paulo. Segunda Edição.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 - (Coleção Brasil Urgente).

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Ivone Maria Ferreira da. **Questão Social e Serviço Social no Brasil:** fundamentos socio-históricos. 2ed. São Paulo: Papel Social; Mato Grosso: EdUFMT, 2014

Silva, Maria Lucia Lopes da. Proteção social no capitalismo contemporâneo: contrarreformas e regressões dos direitos sociais. In: **Revista. Katál.,** Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 09-14, jan./abr. 2019 ISSN 1982-0259.

STEDILE, João Pedro (org.). **A Questão Agrária no Brasil:** O debate tradicional 1500-1960. 2º ed. São Paulo: Expressão popular, 2011, 304 p.

PROMOÇÃO



APOIO

